

LIBERDADE DE FORMA: LEI/EVANGELHO E A ESTRUTURA DO SERMÃO NA PROCLAMAÇÃO LUTERANA CONTEMPORÂNEA¹

David Schmitt²

Resumo: O tópico do presente artigo é a análise da pregação luterana contemporânea, frequentemente caracterizada pela expressão “lei e evangelho”. O autor trata do tema na perspectiva homilética, questionando a predominância recente do formato “lei então evangelho” como estrutura fixa dos sermões e elencando algumas reflexões sobre como essa abordagem reduziu os horizontes homiléticos. Ao dialogar com os escritos de Walther e Caemmerer, bem como com contribuições recentes na área, o autor apresenta exemplos históricos e contemporâneos, mostrando que a correta distinção entre lei e evangelho não exige uma divisão rígida, mas pode ocorrer por meio de diferentes formas: proposicional, textual e dinâmica. Os resultados da pesquisa mostram que a pregação cristã, para ser fiel ao evangelho, deve integrar lei e evangelho em conteúdo e função, utilizando a liberdade de formas homiléticas que melhor comuniquem o significado das Escrituras centrado na morte e ressurreição de Cristo, atendendo a diferentes contextos e ouvintes.

Palavras-chave: Lei. Evangelho. Homilética. Estrutura do Sermão. Liberdade. Forma.

1 Rev. Lucas Prando, tradutor. Tradução e publicação autorizadas pelo periódico teológico *Concordia Journal*, v. 25, n. 1, p. 42-55, ano 1999.

2 David R. Schmitt é professor de Homilética e Literatura no Concordia Seminary, em St. Louis. Ele menciona ter se deparado com esse molde da pregação luterana enquanto cursava o doutorado no Aquinas Institute of Theology, em 1996.

Abstract: The topic of this article is the analysis of contemporary Lutheran preaching, often characterized by the expression “Law and Gospel.” The author approaches the subject from a homiletical perspective, questioning the recent predominance of the “Law then Gospel” format as a fixed sermon structure and outlining some reflections on how this approach has diminished homiletical horizons. By engaging with the writings of Walther and Caemmerer, as well as recent contributions in the field, the author presents historical and contemporary examples, showing that the proper distinction between Law and Gospel does not require a rigid division but can occur through different forms: propositional, textual, and dynamic. The results of the research show that Christian preaching, in order to remain faithful to the Gospel, should integrate Law and Gospel in content and function while using the freedom of homiletical forms that best communicate the meaning of Scripture centered on the death and resurrection of Christ, addressing different contexts.

Keywords: Law. Gospel. Homiletics. Sermon Structure. Freedom. Form.

INTRODUÇÃO

A pregação luterana é frequentemente caracterizada como pregação de “lei e evangelho”. Em uma época em que alguns definem a pregação como contar histórias, outros, como proclamar a sabedoria de Deus para a vida diária, e ainda outros, como ensinar os fundamentos da fé, os luteranos usam a expressão “lei e evangelho” para apontar o que há de distintivo na pregação luterana. Essa expressão resume o conteúdo da pregação luterana: as duas doutrinas da lei e do evangelho. Ela também expressa a função da pregação luterana: despertar nos ouvintes a consciência de seus pecados por meio da lei e consolar consciências aflitas por meio da proclamação do evangelho. Assim, a expressão “lei e evangelho” ajuda a resumir o que a palavra de Deus diz (conteúdo) e o que a palavra de Deus faz (função), quando os pregadores luteranos sobem ao púlpito e proclamam, a partir de um texto, a morte e ressurreição de Cristo para o perdão dos pecados. Nesse sentido, “lei e evangelho” realmente aponta para o que há de distintivo na pregação luterana.

Infelizmente, porém, essa expressão passou a apontar para algo diferente. Recentemente, “lei e evangelho” parece resumir a forma

predominante da pregação luterana. Ela passou a definir como o sermão é estruturado. Esse novo tipo de sermão consiste em duas divisões principais: a primeira parte, lei, e a segunda parte, evangelho (e, para aqueles que querem ousar, uma terceira parte de resposta). A expressão “lei e evangelho” tornou-se uma abreviação não apenas para o conteúdo da pregação luterana (a lei e o evangelho) e para a função da pregação luterana (afligir os que estão confortáveis e confortar os aflitos), mas também para a forma da pregação luterana (como os pregadores dizem e fazem essas coisas). Em vez de chamar isso de pregação “lei e evangelho”, talvez fosse mais apropriado chamá-la de pregação “lei então evangelho”. Um luterano sobe ao púlpito e você já sabe o que esperar: a primeira parte, lei, e a segunda parte, evangelho. Essa forma é tão predominante que, em um seminário de doutorado em homilética, um católico romano resumiu a pregação luterana assim: “a primeira parte do sermão faz você se sentir muito mal, a segunda parte faz você se sentir muito bem”. Essa é a pregação “lei então evangelho” – e é o bastante para fazer alguém querer chegar atrasado.

A questão aqui não é se a lei deve preceder o evangelho na proclamação do evangelho. Isso é algo assumido. Como escreve Walther: “se a Lei não preceder, o Evangelho não terá êxito”.³ O que está em discussão, porém, é como a lei e o evangelho devem ser integrados à estrutura do sermão. Para alguns, essa integração ocorre em níveis menores de desenvolvimento.⁴ Nesses casos, o pregador desenvolve experiências e ideias para o ouvinte, integrando lei e/ou evangelho nessas seções ao cuidar de distingui-los adequadamente, tanto em conteúdo quanto em função. Para outros, a integração ocorre em um nível maior de forma. Aqui, “lei e evangelho” significa mais do que conteúdo e função.

Na verdade, isso se refere a uma forma que determina a sequência das seções em um sermão (“lei então evangelho”). A primeira parte do sermão é uma exposição da lei, e a segunda parte é uma exposição do evangelho, tendo o texto como fonte para o máximo possível de ambos.

³ WALTHER, C. F. W. *Law and Gospel*. Trad. Herbert J. A. Bouman. St. Louis: Concordia, 1981, p. 57.

⁴ Essas seções que ou são categorizadas sob uma divisão maior (por exemplo, B de I. B.) ou formam parte de uma estrutura muito maior (por exemplo, uma história menor levando de forma indutiva a uma verdade geral para os ouvintes).

Esse último método de integração, a abordagem “lei então evangelho”, deve ser considerada uma característica distintiva da pregação luterana? O argumento deste artigo é que não. Integrar “lei e evangelho” à forma do sermão é muito mais complexo do que simplesmente ter uma parte de lei e outra de evangelho. Comunicar a graça de Deus aos ouvintes é algo muito mais grandioso do que simplesmente acrescentar uma seção do evangelho (geralmente pequena, inclusive) ao final de um sermão. Como será demonstrado neste artigo, a forma “lei então evangelho” é um desenvolvimento recente na homilética luterana, não necessariamente defendido por seus instrutores, que acabou por reduzir nossos horizontes homiléticos. A pregação luterana pode abarcar muito mais. Ela não está presa a um padrão formulaico de “lei então evangelho”, mas reconhece e utiliza a liberdade da forma do sermão em prol da proclamação do evangelho.

EVIDÊNCIA DE UMA FORMA RECENTE DE “LEI ENTÃO EVANGELHO”

Antigamente, a forma do sermão era um horizonte bastante amplo. Alguns pregadores apresentavam de três a cinco pontos principais aos ouvintes. Outros utilizavam uma analogia extensa. Outros contavam a história do texto e depois a aplicavam. Outros desenvolviam uma metáfora central. Assim como havia uma variedade de textos e uma variedade de pregadores transmitindo a palavra de Deus a uma variedade de ouvintes, também havia uma variedade de formas. Dentre elas, no último século, a forma proposicional tornou-se padrão. O pregador apresenta um pensamento ou tema central e divide esse tema em partes com base em relações lógicas. Dentro desses amplos horizontes homiléticos, “lei e evangelho” referia-se a como se fazia a devida distinção entre lei e evangelho, tanto no conteúdo quanto na função do sermão, utilizando uma variedade de formas. Ultimamente, porém, “lei e evangelho” passou a definir a forma. À medida que “lei então evangelho” se torna a forma distintiva da pregação luterana, os horizontes anteriormente abertos na estrutura do sermão têm diminuído gradualmente.

Uma edição recente de uma revista luterana de pregação pode servir como exemplo. Considere o seguinte esboço. O texto é a bênção aarônica

registrada em Números 6.22-27. O tema é “**Bendito seja o Nome**”, e o sermão apresenta a seguinte forma para essa proclamação:

I. Problema: Sentimo-nos inúteis por causa dos fracassos.

- B. Os israelitas foram abençoados por Deus, mas falharam.
- C. Nós somos abençoados por Deus, mas falhamos.

II. Meio: Deus nos reivindica com o seu nome.

- A. Por meio desta bênção, Deus colocou seu nome sobre os israelitas.
- B. Deus colocou seu nome sobre seu Filho, Jesus.
- C. No batismo, Deus coloca seu nome sobre nós.

III. Objetivo: Passamos de um sentimento de fracasso para uma confiança sob Deus.

- A. Embora os israelitas continuassem a falhar, eles sobreviveram.
- B. Embora continuemos a pecar, nós sobrevivemos.⁵

Em outro sermão, o texto é a exortação de Paulo aos cristãos de Colossos (Cl 3.12-17) para que se revistam de virtudes piedosas. O tema do sermão foca nos cristãos sendo “revestidos de Cristo”. A forma “lei então evangelho” apresenta o seguinte esboço:

I. Problema: Nossa natureza humana nos leva a sentir que precisamos fazer algo para ganhar o favor de Deus.

- A. Os colossenses.
- B. Nós.

II. Meio: Deus nos escolhe independentemente de quem somos ou do que fizemos.

- A. Os colossenses.
- B. Exemplo pessoal.

III. Objetivo: Tocadas pelo chamado de Deus, nossas vidas refletem o seu amor em Cristo.

- A. Os colossenses.
- B. Nós.⁶

5 BRUENING, Philip. “Blessed Be the Name”. *Concordia Pulpit Resources*, v. 7, n. 1, 1997, p.59-60.

6 Bruening, “Clothed with Christ”, *Concordia Pulpit Resources*, p. 26-27.

Em outro sermão, o texto é um oráculo de salvação de Isaías (61.1-3, 10-11). Nesse oráculo, Isaías anuncia o ano do favor do Senhor e descreve o esplendor do povo de Deus, “revestido com as vestes da salvação”. O sermão, intitulado “Vestindo-se para o Advento”, usa essa imagem como tema. A forma “lei então evangelho” produz o seguinte esboço:

- 1. Pensamento introdutório:** Nós decoramos árvores de Natal.
Como nossas vidas estão decoradas para refletir a vinda do Senhor?
- 2. Problema:** Não estamos prontos, e isso revela que não consideramos o Senhor importante.
- 3. Ponto:** Apesar da nossa pecaminosidade, Deus traz boas notícias.
- 4. Poder:** Deus age por nós e através de nós para nos vestir com perdão e nova vida.⁷

Você consegue perceber como nossos horizontes homiléticos se reduzem? A forma de proclamação “lei então evangelho” pega três gêneros diferentes de discurso (uma bênção, uma exortação e um oráculo de salvação) e os transforma todos na mesma forma de discurso para os ouvintes: uma parte lei e outra parte evangelho, com uma terceira parte de resposta. Essa transformação do texto em “lei então evangelho” é infinita. Qualquer texto pode ser usado dessa forma. Em outra edição, a oração sacerdotal de Jesus é reduzida a três pontos: primeiro, quando você sentir que foi abandonado; segundo, reconheça o cuidado de Deus sobre você; e, terceiro, saiba que você está autorizado a viver com confiança.⁸ A história de Deus visitando Elias no Monte Horebe torna-se três pontos: eu sou o único que restou; Deus virá em um sussurro suave; e nós somos o povo da promessa de Deus.⁹ Todos os diversos gêneros de discurso que as Escrituras usam para transmitir a mensagem de lei e evangelho para a salvação do mundo (salmos, provérbios, parábolas, orações, paraíense,

⁷ PIERCE, James. “Dressing Up for Advent”. *Concordia Pulpit Resources*, Saint Louis, v. 7, n. 1, 1997, p. 20-22.

⁸ LUECKE, David. “Authorized, not Abandoned”. *Concordia Pulpit Resources*, Saint Louis, v. 6, n. 2, 1996, p. 45-46.

⁹ BLANCO, Charles. “I Will Come in a Gentle Whisper”. *Concordia Pulpit Resources*, Saint Louis, v. 6, n. 3, 1996, p. 45.

narrativas, bênçãos, maldições, oráculos de salvação, oráculos de juízo, diátribes, saudações, ações de graças, ensinamentos e hinos) podem ser reduzidos a um sermão “lei então evangelho”. No cenário atual, “lei e evangelho” marca o conteúdo e a função da pregação luterana, enquanto “lei então evangelho” marca uma forma cada vez mais predominante.

RELAÇÃO DESSA FORMA COM A EDUCAÇÃO HOMILÉTICA: WALTHER E CAEMMERER

Antes de encorajar os pregadores a irem além dessa forma predominante, é preciso considerar se o sermão “lei então evangelho” reflete com precisão a educação homilética luterana.¹⁰ Afinal, essa forma poderia captar os princípios da homilética luterana e, assim, servir à tradição de pregação melhor do que outras formas. À primeira vista, essa forma parece fazer exatamente isso. Os termos “lei e evangelho”; “objetivo, problema, meio” (*goal, malady, means*); e “ponto, problema, poder” (*point, problem, power*) parecem captar o cerne da educação homilética luterana. De fato, esses termos mapeiam o terreno da instrução recente. Na disciplina de homilética, o aluno lê *The Proper Distinction between Law and Gospel* (*A Correta Distinção entre Lei e Evangelho*), de Walther. O livro-texto de homilética de Caemmerer, *Preaching for the Church* (*Pregando para a Igreja*), apresenta ao aluno “objetivo, problema, meio”. O aliterativo “ponto, problema, poder” foi usado por George Hoyer no ensino de homilética para resumir a técnica.¹¹ Alguns poderiam argumentar, então, que a forma “lei então evangelho” realmente reflete a tradição homilética luterana, e questionar a sabedoria de se considerar outras formas. Portanto, antes de examinar outras maneiras de integrar lei e evangelho na forma do sermão, este artigo tentará dissipar a noção de que a forma “lei então evangelho” seja waltheriana ou caemmereriana.

10 Como essa forma (conforme discutido) é um desenvolvimento recente, a consideração será dada apenas a Walther e Caemmerer, cujas obras formaram o núcleo da instrução homilética para aqueles que atualmente praticam essa forma. Se a intenção deste artigo fosse fazer um levantamento das formas de sermão na pregação luterana e sua correspondência com a instrução homilética, a seleção obviamente seria muito mais ampla para representar com precisão a tradição de pregação.

11 Paul Marshall, um dos alunos de Hoyer e agora homilético em Yale, desenvolveu essa estrutura em sua obra *Preaching for the Church Today* (New York: The Church Hymnal Corporation, 1990), p.101-165.

Em *The Proper Distinction between Law and Gospel (A Correta Distinção entre Lei e Evangelho)*, Walther começa definindo o conteúdo doutrinário das Escrituras como lei e evangelho. Walther observa que tal distinção sistemática entre as duas é necessária para que os alunos abordem o tema da pregação, mas certamente está longe de ser o propósito de suas palestras.¹² Afinal, como ele observa mais adiante, essa distinção de conteúdo entre lei e evangelho é “fácil o suficiente para as crianças aprenderem”.¹³ Para Walther, é “a aplicação prática dessa doutrina” que “apresenta dificuldades que nenhum homem pode superar por reflexões racionais”.¹⁴ Ao final da segunda palestra noturna, Walther conclui essa distinção sistemática “fácil”. A terceira palestra noturna, no entanto, não introduz outra tese. Em vez disso, Walther passa para o assunto mais difícil de aplicar essas doutrinas na prática da pregação. Ele escreve que, nessa terceira palestra, busca dar “uma demonstração prática da maneira como essas duas doutrinas devem ser proclamadas sem misturar uma com a outra”¹⁵

Ao tratar “da maneira como essas duas doutrinas devem ser proclamadas”, Walther introduz o tema da persuasão. Aqui, o leitor poderia esperar uma discussão sobre a forma retórica ou a estrutura do sermão. Walther, porém, é mais sábio. Em vez de utilizar a arte da retórica para persuadir os ouvintes, ele oferece um testemunho de Lutero e centraliza a força persuasiva do sermão na palavra de Deus. Quando lei e evangelho são devidamente distinguidos na pregação, a palavra de Deus é proclamada e produz o seu efeito. É a confusão entre lei e evangelho que impede o efeito persuasivo da palavra salvadora de Deus. Walther, por meio de sua citação de Lutero nesta palestra, localiza a força persuasiva da pregação na adequada distinção entre lei e evangelho, e não na arte da retórica. Essa confissão, porém, não o impede de abordar questões de retórica. De fato, ao comentar esse testemunho de Lutero, Walther introduz cuidadosamente dois tópicos de retórica: a pessoa do

12 Walther. *The Proper Distinction between Law and Gospel*. Trad. W. H. T. Dau. St. Louis: Concordia, 1928, p. 6.

13 Ibid., p. 48.

14 Ibid.

15 Ibid., p. 21.

pregador e a disposição (arranjo) do sermão.¹⁶ O que ele diz sobre a disposição do sermão é instrutivo para avaliar a forma contemporânea de “lei então evangelho”.

Quando se trata de discutir a disposição (estrutura) do sermão, Walther observa a importância de uma estrutura ou forma para o sermão: “Ao se preparar para pregar, o pregador deve elaborar um plano estratégico para ganhar seus ouvintes para o reino de Deus. Caso contrário, os ouvintes poderão dizer de seu sermão: ‘Ah, foi bonito!’, mas isso será tudo. Eles deixarão a igreja com o coração vazio”.¹⁷ Walther defende a simplicidade na forma, para que as pessoas não sejam atraídas apenas pela linguagem bonita e para que o pregador não pregue a si mesmo.¹⁸ Mas será que tal simplicidade significa uma parte lei e outra parte evangelho? Walther responde: não. Ele escreve,

Todo sermão deve conter ambas as doutrinas. Quando uma delas está ausente, a outra está errada. Pois qualquer sermão está errado se não apresenta tudo o que é necessário para a salvação de uma pessoa. Você não deve pensar que dividiu corretamente a Palavra da Verdade se pregar a Lei em uma parte do seu sermão e o Evangelho em outra. Não; tal divisão topográfica desse tipo é inútil. Ambas as doutrinas podem estar contidas em uma única.¹⁹

A referência de Walther ao fato de que ambas as doutrinas podem estar contidas em uma única frase é instrutiva. Em vez de dividir o sermão em uma seção inteira de lei e depois uma seção inteira de evangelho, Walther vislumbra uma interação frequente entre as duas no desenvolvimento do sermão (“lei/evangelho”). O sermão proclama os ensinos da fé cristã e, nessa proclamação, utiliza a interação constante entre lei e evangelho

16 Walther interrompe seu testemunho de Lutero sobre João 7 três vezes nesta palestra. A primeira vez é para comentar sobre a função da lei e do evangelho. As duas vezes seguintes são para tratar das questões retóricas relacionadas ao pregador e à forma do sermão, nessa ordem. Embora muito pudesse ser dito sobre a visão de Walther a respeito da pessoa do pregador na persuasão do ouvinte, especialmente sua afirmação de que “é um mero acidente quando alguém é despertado do pecado e convertido por um pregador que ele próprio não é convertido” (p. 23). Esse não é o foco principal deste artigo.

17 Walther, p. 23.

18 Ibid., p. 25.

19 Ibid., p. 25.

para fazer com que esses ensinos alcancem o coração dos ouvintes. É essa interação frequente entre lei e evangelho que Walther enfatiza na pregação, encerrando sua obra com a advertência: “Não permaneça muito tempo na Lei; deixe que o Evangelho siga prontamente. Quando a Lei tiver feito o ferro incandescente, aplique o Evangelho imediatamente para moldá-lo em uma forma adequada; se o ferro esfriar, nada poderá ser feito com ele”.²⁰

Como isso se apresenta na pregação? Walther frequentemente aponta Lutero como modelo. Os sermões de Lutero são um modelo não porque tratem primeiro de uma parte lei e depois de outra parte evangelho, mas, sim, por causa da maneira como Lutero expõe o texto e, nessa exposição, distingue corretamente lei e evangelho, oferecendo muitas vezes uma interação frequente entre os dois. Como Walther escreve: “Os sermões de Lutero estão cheios de trovões e relâmpagos, mas estes são rapidamente seguidos pelo suave sopro do Espírito Santo no Evangelho. É impossível para o leitor resistir... Em todo momento Lutero prega a Lei e o Evangelho lado a lado de tal maneira que a Lei recebe uma iluminação pelo Evangelho que torna a primeira ainda mais terrível, enquanto a doçura e o rico consolo do Evangelho são grandemente aumentados pela Lei, isto é, por contraste”.²¹ Nos comentários teóricos de Walther sobre a forma do sermão e em seus exemplos práticos extraídos da pregação de Lutero, ele não defende um sermão que tenha uma parte de lei e outra de evangelho. Em vez disso, parece defender um sermão que tenha uma interação frequente entre as duas. Quanto à forma “lei então evangelho”, ele a chama de “uma divisão topográfica... inútil”.²² Portanto, a forma “lei então evangelho” não é waltheriana. E quanto a Caemmerer?

Caemmerer, assim como Walther, depende da proclamação da Palavra e não de questões de retórica para a força persuasiva em um sermão. Por exemplo, quando Caemmerer discute persuasão em seu texto de homilética, ele não aborda assuntos como a disposição do sermão ou a pessoa do pregador. Em vez disso, ele fala da palavra de Deus devidamente distinguida. Ao distinguir corretamente lei e evangelho, o pregador pregará com o poder persuasivo da palavra de Deus. Para distinguir

20 Ibid., p. 41.

21 Ibid., p. 54.

22 Ibid., p. 25.

corretamente lei e evangelho na pregação, Caemmerer defende o uso do paradigma objetivo-problema-meio (*goal-malady-means*). O capítulo em que ele apresenta esse paradigma é intitulado “Persuasão”,²³ e essa etapa no processo de elaboração do sermão é chamada de “Planejando para Persuadir”.²⁴ A etapa de preparação do sermão do objetivo-problema-meio, portanto, incentiva o pregador a confiar na devida distinção entre lei e evangelho para persuadir os ouvintes, e não na elegância da forma. Essa etapa de preparação do sermão, no entanto, não fornece a forma do sermão. Ela não foi concebida com essa intenção. Depois que Caemmerer discute a força persuasiva do sermão (a palavra de Deus devidamente distinguida), ele então volta sua atenção para a questão da forma. Na segunda etapa, o pregador discerne objetivo-problema-meio; na terceira etapa, o pregador organiza o sermão por meio de uma divisão lógica de um pensamento central. Ao ter essas duas atividades como etapas separadas, Caemmerer, assim como Walther, separa a polaridade lei-evangelho do esboço do sermão. A segunda etapa é objetivo-problema-meio; a terceira é o esboço. Objetivo-problema-meio não é o esboço do sermão. Em vez disso, o esboço surge de um pensamento central logicamente dividido para o ouvinte.

Para que ninguém se confunda, Caemmerer deixa isso explicitamente claro para seus leitores. Em seu capítulo sobre o esboço do sermão, ele discute as divisões centrais do sermão (qual é a primeira parte, a segunda e assim por diante). Caemmerer faz a seguinte pergunta: “Não é verdade que a ênfase na persuasão, desenvolvida no capítulo anterior, sugerirá a divisão principal para todo texto: I. Objetivo, II. Problema, III. Meio? Não....”²⁵ Para Caemmerer, como cada divisão se orienta pelo texto, isso só seria possível se o texto contivesse os três elementos. Mesmo assim, de acordo com ele, “isso pode não ser o mais recomendável, pois essa divisão tende a encaixar toda a afirmação do evangelho em uma única seção. Quando o pregador consegue confrontar seus ouvintes com lei e evangelho repetidamente no mesmo sermão sem confundir seu plano, então ele está no caminho de um bom esboço!”²⁶ Para Caemmerer, assim

23 CAEMMERER, Richard R. *Preaching for the Church*. St. Louis: Concordia, 1959, p. 35.

24 Ibid., p. 87.

25 Ibid., p. 96.

26 Ibid.

como para Walther, é a interação frequente entre lei e evangelho (“lei/evangelho”) que marca um sermão adequado.

O comentário de Caemmerer de que esse modelo “encaixa toda a afirmação do Evangelho em uma única seção” pode lançar luz sobre alguns dos problemas recentes na pregação luterana. As discussões atuais frequentemente lutam com o papel e a predominância da lei nos sermões. Note como é difícil colocar em prática a vigésima quinta tese de Walther, de que o evangelho deve predominar na pregação,²⁷ quando se utiliza um modelo de “lei então evangelho”. Toda a lei aparece em uma porção extensa no início do sermão. Na preparação do sermão, os pregadores tendem a começar trabalhando primeiro na seção da lei. É ali que eles investem seu tempo. É ali que colocam suas ilustrações mais impactantes. Depois de proclamar de forma clara e sólida a lei por um período prolongado, resta-lhes pouco tempo, tanto na preparação quanto no púlpito, para proclamar o evangelho. A proclamação do evangelho acontece, mas com pouco desenvolvimento. Ela tende a ser apenas acrescentada ao final do sermão para torná-lo “luterano” (isto é, para garantir que o sermão siga o modelo “lei então evangelho”). A seção da lei vem como o prato principal, recebendo a maioria das ilustrações e o maior desenvolvimento, enquanto o evangelho chega depois que a refeição já terminou, como um parente pobre atrasado para o jantar, vestido com imagens padrão e falando em uma linguagem tão usada que as pessoas já não prestam mais atenção. Além disso, note como a forma de sermão lei-evangelho-resposta (que se desenvolve a partir do modelo de Caemmerer “objetivo-problema-meio”) se torna um alvo fácil para as discussões sobre pregação da santificação. Muitas vezes, essas discussões são moldadas como se o único momento em que a santificação fosse mencionada no sermão fosse no final, depois de uma parte lei e outra parte evangelho. A simplificação excessiva da forma do sermão (com a santificação aparecendo como uma terceira parte no final do sermão) criou uma simplificação excessiva do que significa pregar em referência à santificação.

Caemmerer, assim como Walther, não oferece apenas esse alerta contra a forma “lei então evangelho” como um conselho prático, mas também dá um exemplo desse conselho. No final do texto, Caemmerer inclui

27 Walther, *The Proper Distinction*, p. 403.

um apêndice que conduz os alunos por todo o processo de elaboração de um sermão com um texto de exemplo. O sermão apresentado é baseado na ação de graças de Paulo em 1Timóteo 1.12-17. Aqui, Paulo agradece a Deus pela graça que transformou sua vida. O objetivo do sermão é que os cristãos recebam essa graça de Deus para sua vida e serviço. O problema (*malady*) é que os cristãos frequentemente têm uma “fraca compreensão da fé”. O meio é a “livre misericórdia de Deus em Cristo” que “estimula a fé para todas as gerações”.²⁸ Caemmerer estabelece um tema central para o sermão: “A misericórdia de Deus é nossa única ajuda para a nossa tarefa”. Em seguida, ele divide o sermão em três partes com base na lógica da classificação. Ele classifica três tarefas (“manter a fé”, “adorar a Deus” e “servir uns aos outros”²⁹) para as quais a misericórdia de Deus é nossa única ajuda. O sermão, portanto, não é uma parte lei e outra parte evangelho, mas um sermão em três partes baseado na divisão do tema “A misericórdia de Deus é nossa única ajuda para nossas tarefas” de acordo com a lógica da classificação.

A forma “lei então evangelho” não é nem waltheriana nem caemmeriana. Por que, então, ela se tornou predominante? Uma das causas é o encurtamento dos sermões para vinte minutos ou menos. Imagine pregar um sermão “lei então evangelho” por quarenta e cinco minutos.³⁰ Outra causa é o declínio do design proposicional na comunicação contemporânea. À medida que o design proposicional diminui, também diminui a capacidade das pessoas de praticá-lo. Por exemplo, um pastor que segue o esquema de desenvolvimento de sermão de Caemmerer pode ter dificuldade em usar a lógica para estruturar uma declaração temática (etapa três). Quando isso acontece, a solução mais fácil é recorrer ao objetivo-problema-meio (etapa dois) como esboço. Um terceiro fator para a predominância dessa forma – e sobre o qual os pregadores têm mais controle – é o desenvolvimento de uma abordagem pragmática para a tarefa da pregação. Pregadores luteranos sabem que a força de um sermão não está em seu formato, mas na devida distinção entre lei e evangelho. Então, por que não simplesmente abordar todo texto das Escrituras da seguinte forma: primeiro encontrar a lei, depois encontrar o evangelho e,

28 Caemmerer, *Preaching for the Church*, p. 314.

29 Ibid., p. 317-321.

30 Walther considera essa duração de tempo em suas palestras (p. 322).

então, simplesmente subir ao púlpito e apresentar isso aos ouvintes, uma parte lei e uma parte evangelho? Em seu livro *A Theology of Preaching*, Richard Lischer chamou esse tipo de pragmatismo na tarefa da pregação de confusão entre lei e evangelho. Ele o chama de “aplicação mecânica da Lei e do Evangelho”. Os pregadores “colocam o mesmo molde sobre cada texto, perguntando: ‘onde está a Lei e o Evangelho?’ em vez de: ‘o que Deus está dizendo ao seu povo?’”³¹ Assim, por exemplo, um pregador luterano pega um texto como a ação de graças de Paulo em sua carta a Timóteo e, em vez de comunicar essa perícope como uma ação de graças de uma carta, rapidamente localiza uma palavra ou frase que possa usar em referência à proclamação de lei e evangelho. Paulo agradece a Cristo “por considerá-lo fiel e tê-lo designado para o ministério” (1Tm 4:12). O pregador agarra a frase “considerou-o fiel” e a usa para condenar os ouvintes por “não serem fiéis e não serem dignos de servir no reino de Deus”. Em seguida, proclama o evangelho – “mas Deus mostra misericórdia a eles” – e proclama que, em resposta, “eles permanecem fiéis e servem”. O pregador coloca aquilo que constitui uma ação de graças a Deus na “máquina lei então evangelho” e produz o que se tornou um sermão luterano típico. O único problema é que, historicamente, tal modelo de sermão não é típico; pedagogicamente, não é o que Walther ou Caemmerer ensinaram; e, hermeneuticamente, não é sequer o que Paulo pretendia nesse texto.

INTEGRANDO LEI/EVANGELHO E ESTRUTURA DO SERMÃO: TRÊS “LUGARES-COMUNS” PARA FORMAS DE SERMÃO

Uma vez que examinamos o problema dessa redução de textos e sermões a uma forma “lei então evangelho”, podemos perguntar: Onde está a resposta? A resposta está em os pregadores desenvolverem a capacidade de criar e usar diferentes formas de sermão. Em vez de usar a estrutura do sermão para separar lei e evangelho, os pregadores devem usar a estrutura do sermão para se comunicar com seus ouvintes.

31 LISCHER, Richard. *A Theology of Preaching: The Dynamics of the Gospel*. Durham, NC: Labyrinth Press, 1992, p. 43.

Tendo escolhido uma estrutura que comunique, eles então distinguem corretamente lei e evangelho dentro dessa estrutura de comunicação. Usando uma variedade de formas para uma variedade de ouvintes, os pastores pregam a partir de uma variedade de textos e evitam entediar seus ouvintes ou interpretar mal os textos com uma forma repetitiva de “lei então evangelho”. Este artigo sugere, de forma provisória, que essas formas de sermão podem surgir de três áreas gerais.

Forma proposicional: Em primeiro lugar, existem formas que surgem do design lógico. Este é o formato tradicional compreendido por Walther. Ao descrever a estrutura do sermão, Walther observa dois aspectos importantes: um objetivo e um design lógico. Em sua décima segunda palestra noturna, Walther discute a necessidade de todo sermão ter um objetivo. Os pregadores devem ser homens que tenham “um objetivo definido” ao preparar seus sermões, pensando consigo mesmos: “Para tais e tais pessoas eu quero transmitir uma lição”.³² Em sua vigésima terceira palestra noturna, Walther retoma essa ideia, observando que uma “mera conversa piedosa, sem objetivo e sem ordem lógica, não é pregação de verdade”.³³ Nesse caso, Walther menciona duas qualidades. Não apenas deve haver um objetivo ou uma meta, mas também deve haver uma ordem lógica no sermão. Portanto, objetivo e ordem lógica são considerados fundamentais no design do sermão. Esse é o caso da própria pregação de Walther. Dentro de seus sermões, Walther usa uma ordem lógica para estruturar sua proclamação. Por exemplo, em seu sermão no Domingo de Páscoa de 1852, ele foca no tema “A Verdadeira Liberdade”:

A Verdadeira liberdade: O glorioso fruto da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.

- I. Liberdade do direito do pecado de nos atormentar e condenar.
- II. Liberdade do poder do pecado de nos coagir e dominar.³⁴

Aqui, o tema do sermão é “A Verdadeira Liberdade”. Walther então desenvolve esse tema por definição, oferecendo detalhes sobre

32 Walther, *The Proper Distinction*, p. 100.

33 Ibid., p. 248.

34 Walther. *Selected Sermons*. Trad. Henry J. Eggold. St. Louis: Concordia, 1981, p. 78.

essa categoria geral de liberdade: trata-se de “liberdade do direito do pecado” e “liberdade do poder do pecado.” Como se percebe, o sermão não é dividido em uma parte lei e outra parte evangelho, mas sim em uma divisão lógica de um tema para o ouvinte. O próprio tema enfatiza a mensagem do evangelho e, dentro desse design, em cada uma dessas duas partes, encontra-se uma interação frequente entre lei e evangelho.

Em sua sétima tese, Walther argumenta que seria um esboço incorreto de sermão colocar as boas obras antes da graça.³⁵ Em vez disso, o pregador primeiro proclama a graça, e então as boas obras seguem. O sermão de Walther para o Primeiro Domingo da Quaresma oferece tal esboço:

A batalha de Cristo com o príncipe das trevas e sua gloriosa vitória

- I. Como Cristo aqui batalhou por todas as pessoas e gloriosamente conquistou.
- II. Como um cristão crente deve agora seguir o Capitão de sua salvação e também lutar contra Satanás e vencê-lo pelo poder de Cristo.³⁶

Aqui, o tema é “A Batalha de Cristo com o Príncipe das Trevas e Sua Gloriosa Vitória”. Ao desenvolver esse tema, Walther primeiro aborda a batalha de Cristo em termos de graça. Esta é a obra que Cristo realizou pela qual ele conquistou a vitória por todas as pessoas: “Cristo aqui batalhou por todas as pessoas e gloriosamente conquistou.” Depois de tratar da questão da fé, Walther então aborda o mesmo tema, “A Batalha de Cristo e Sua Gloriosa Vitória”, em termos de obras: “Um cristão crente deve agora seguir o Capitão de sua salvação e também lutar contra Satanás e vencê-lo pelo poder de Cristo.” Em cada uma dessas partes, o tema principal de Walther é a vitória de Cristo sobre Satanás. Logicamente, Walther utiliza um design de causa e efeito. A vitória de Cristo é a causa, e Walther prega aos ouvintes os dois efeitos que dela decorrem: a fé e a vida.

35 Walther, *The Proper Distinction*, p. 92-93.

36 Walther, *Selected Sermons*, p. 42.

Um último exemplo é o Sermão de Walther para a Abertura de uma Convenção Sinodal. Aqui, o tema ou assunto de Walther foi o consolo cristão:

Quão consolados podemos estar diante de todas as provações que sofremos, contanto que permaneçamos firmes na palavra de Deus sem vacilar.

- I. Porque nela temos a verdade infalível, apesar de toda a nossa capacidade de errar.
- II. Porque nela também temos a justiça que vale diante de Deus, apesar de toda a nossa indignidade.³⁷

Ao desenvolver esse tema do consolo cristão, Walther lista as suas causas. Há duas causas para esse consolo cristão: na Palavra “temos a verdade infalível, apesar de toda a nossa capacidade de errar” e, na Palavra, “também temos a justiça que vale diante de Deus, apesar de toda a nossa indignidade”. Nesse caso, a devida distinção entre lei e evangelho não cria um esboço de “lei então evangelho”. Em vez disso, ela orienta o desenvolvimento de cada uma de suas divisões principais. Na primeira seção, Walther menciona a capacidade de seus ouvintes de errar e, em seguida, apresenta a palavra de Deus dada para perdoar esse pecado e ser a fonte de verdade infalível. Na segunda, ele descreve a indignidade deles e, então, proclama o dom da justiça de Deus na palavra da Verdade. Note como, nesses sermões, o evangelho predomina. Ele predomina não porque a última seção de um esboço “lei então evangelho” seja mais longa. Ele predomina porque a ideia central do sermão é uma articulação do evangelho: a ressurreição de Cristo dá verdadeira liberdade; Cristo venceu Satanás por nós; e Deus conforta os cristãos por meio de sua Palavra. Em cada caso, o ouvinte sairia do sermão com uma declaração temática principal que articula o evangelho, em vez de um esboço de “lei então evangelho”.

Forma textual: Outra fonte para a forma do sermão é o próprio texto. Thomas Long, em sua obra *Preaching from the Literary Forms of the Bible*, demonstrou que a forma do sermão pode ser influenciada

³⁷ Ibid., p. 142-143

pela forma do texto, e Mike Graves desenvolveu o trabalho de Long em seu livro mais recente, *The Sermon as Symphony*. As Escrituras, em sua proclamação de lei e evangelho, utilizam uma variedade de formas literárias. Há salmos, provérbios, parábolas, orações, paraíense e mais. Ao ler o texto, em vez de rapidamente reduzi-lo ao seu conteúdo “lei então evangelho”, o pregador lê o texto e descobre sua forma. Em seguida, ele faz uma pausa e considera como essa forma pode influenciar o sermão. Às vezes isso é possível, às vezes não. Mas, ao menos, a questão é considerada. Por exemplo, em Romanos, Paulo frequentemente ensina usando a diátripe. David Aune, em sua obra *The New Testament in Its Literary Environment*, identifica características frequentes nesse tipo de discurso. A diátripe envolve um estilo dialógico, à medida que o autor ensina por meio de uma conversa com um oponente imaginário. Dentro dessa conversa, o autor corrige entendimentos falsos, ensina a verdade e encoraja os ouvintes a participarem do tema.³⁸ Conhecendo essa forma literária, o pregador lê as palavras de Paulo em Romanos 6.1-3 com atenção à estrutura do texto. O estilo dialógico é evidente ao se ouvir a conversa: “Que diremos, então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De modo nenhum! Nós que morremos para o pecado, como viveremos ainda nele?” (Rm 6.1-2). O pregador também percebe, dentro dessa conversa, palavras de correção e ensino. À medida que o oponente tira uma conclusão falsa com base no ensino, Paulo oferece palavras que corrigem. Por exemplo, ele afirma: “De modo nenhum! Nós que morremos para o pecado, como viveremos ainda nele?” Em seguida, continua com palavras de ensino: “Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?” Além de expor o erro e oferecer ensino, a conversa também encoraja o ouvinte ao descrever a vida oferecida pelo orador: “Mas agora que vocês foram libertados do pecado e se tornaram escravos de Deus, o fruto que colhem leva à santidade, e o seu fim é a vida eterna” (Rm 6:18). Ao ler esse texto de Romanos, então, o pregador encontra uma conversa contínua com o povo de Deus, corrigindo, ensinando e encorajando-os na vida que vem em Jesus Cristo.

38 AUNE, David E. *The New Testament in Its Literary Environment*. Philadelphia: Westminster Press, 1987, p. 200-202. Conclusões semelhantes são apresentadas por MALHERBE, Abraham J., em *Moral Exhortation: A Greco-Roman Sourcebook*. Philadelphia: Westminster Press, 1986, p. 129.

Ao pregar a partir desse texto, em vez de reduzir o sermão a uma parte lei e outra parte evangelho, o pregador pode considerar o uso da forma de diátribe. O sermão pode incorporar uma discussão contínua para proclamar hoje a obra de Deus revelada nesse texto. O pregador se engaja em uma conversa, um diálogo com um oponente imaginário. À medida que objeções são levantadas, respostas são dadas. O pregador aborda as perguntas e respostas encontradas no texto, mas também incorpora vozes que dialogam com as questões atuais. Dentro dessa conversa, está entrelaçada a devida distinção entre lei e evangelho, tanto em conteúdo quanto em função. Aqui, portanto, a forma do texto influenciou a forma do sermão. O sermão não precisa reproduzir exatamente a forma do texto, apresentando cada pergunta na mesma ordem. Em vez disso, ele reflete o texto. Assim como o texto se comunica por meio de uma conversa imaginária, o sermão também se comunica nesse estilo. Para aqueles que são mais ousados, um sermão em forma de diálogo pode realmente encenar a conversa do texto. Para os destemidos na técnica homilética, o sermão pode começar com um drama no presbitério que encene uma situação de vida contemporânea. Durante o sermão, o pastor conversa com os personagens dessa cena dramática, corrigindo-os, ensinando-os e encorajando-os com a proclamação baseada no texto. Ao final, o sermão retorna ao drama, e os personagens encenam como a vida prossegue de forma diferente agora que a palavra e a obra de Deus foram reveladas.

Forma dinâmica: O texto, é claro, não é o único lugar de onde podem surgir as formas e, de fato, pode nem sempre ser o melhor lugar para se buscar formas de pregação hoje. Afinal, algumas formas se tornam difíceis devido à mudança na poética. As formas mudam com o tempo. Por exemplo, o que antes era considerado poético, hoje pode não soar tão poético. Outro lugar para encontrar formas está na comunidade discursiva contemporânea dos ouvintes. Existem formas atualmente usadas entre os ouvintes que podem informar a estrutura do sermão. Ou seja, pode-se pegar uma forma com a qual os ouvintes já estejam familiarizados e usá-la para comunicar a mensagem do evangelho a eles. Uma categoria dessas formas contemporâneas é a forma dinâmica. Em uma forma dinâmica, o que é elevado ao nível de estrutura é a experiência do ouvinte. Nesse caso, o pregador não organiza o sermão por um pensamento central e lógica, nem pelo texto

e sua forma literária. Em vez disso, ele utiliza a experiência do ouvinte na audição do sermão para criar um design homilético. Eugene Lowry apresentou um exemplo de forma dinâmica em sua obra anterior, *The Homiletical Plot*. Aqui, Lowry usa a forma básica de enredo dos seriados de televisão e a adapta para a estrutura do sermão. Embora não mencionado diretamente, sua forma de enredo espelha a análise de Gustav Freytag sobre a peça de cinco atos. O enredo começa com (1) o conflito, aumenta a tensão na (2) ação ascendente, cria surpresa no (3) clímax, desenvolve as consequências na (4) ação descendente e alcança o fechamento na (5) resolução.³⁹ Lowry utiliza essas etapas da experiência dramática para propor uma forma de sermão. No sermão, o pregador conduz o ouvinte por uma experiência dramática de desenvolvimento do enredo: (1) perturbar o equilíbrio; (2) analisar a discrepância; (3) revelar a pista para a resolução; (4) experimentar o evangelho; e (5) antecipar as consequências.⁴⁰ Nesse design, o evangelho é experimentado (de modo semelhante ao clímax de uma peça) como a surpreendente intervenção graciosa de Deus, celebrada pelo pregador e transformando a vida das pessoas. Embora se possa ter a tentação de aplicar essa forma de enredo a textos narrativos, onde há conflito e resolução, Lowry sugere que essa forma seja usada com textos proposicionais. Assim, o pregador poderia usar uma forma de enredo narrativa para comunicar o significado de um texto didático. Embora a forma de enredo de Lowry ilustre como uma forma contemporânea de comunicação pode influenciar a estrutura de um sermão, ela não necessariamente liberta o pregador da dependência de uma forma “lei então evangelho”. De fato, o movimento de conflito para resolução nessa forma homilética se assemelha bastante ao movimento de lei para evangelho na proclamação, de modo que o método de Lowry se tornou uma forma fácil de pregadores luteranos ainda prepararem um sermão “lei então evangelho”. Em defesa de seu uso, entretanto, o método de Lowry pede ao pregador que conscientemente prepare uma seção substancial de proclamação e desenvolvimento do evangelho. Assim, ele protege contra o problema de uma proclamação do evangelho

39 FREYTAG, Gustav. *Technique of the Drama*. Trad. Elias J. MacEwen. Chicago: S. C. Griggs, 1894, p. 115.

40 LOWRY, Eugene. *The Homiletical Plot: The Sermon as Narrative Art Form*. Atlanta: John Knox Press, 1980, p. 25.

feita com imagens-padrão e pouco desenvolvimento acrescentada ao final. A forma de enredo de Lowry é apenas um exemplo de como uma forma contemporânea de comunicação pode ser utilizada na formação do sermão. Outras formas de comunicação existem na comunidade discursiva do pregador. Trabalhos recentes na área da homilética estão explorando como essas formas, particularmente as dinâmicas de história e imagem, podem influenciar a estrutura do sermão.

CONCLUSÃO

Se o formato “lei então evangelho” tem diminuído os horizontes homiléticos na pregação luterana contemporânea, mergulhar no texto e alcançar os ouvintes são excelentes formas de ampliá-los. Ao ler o texto, o pregador não deve buscar apenas algumas palavras de lei e algumas palavras de evangelho que possam ser transferidas de modo simplista para a pregação. Em vez disso, ele lê o texto para compreender o que o texto diz, o que o texto faz e como o texto diz e faz isso. Essa leitura atenta do texto informa o conteúdo e a função do sermão e pode também influenciar sua estrutura. Ao preparar a proclamação para seus ouvintes, ele não simplesmente formula uma parte lei e outra parte evangelho. Em vez disso, considera a melhor forma de comunicar e utiliza estruturas baseadas no desenvolvimento proposicional, na exposição textual ou na experiência contemporânea dos ouvintes nessa tarefa de comunicação. “Lei e evangelho” são devidamente distinguidos no conteúdo e na função, enquanto a comunicação é alcançada por meio do uso disciplinado da liberdade de forma. Ao fazer isso, não ocorre a redução de todos os textos da Escritura a um ponto de lei e um de evangelho, nem a redução de todos os sermões a uma parte lei e outra parte evangelho. Em vez disso, o pregador comunica o significado das Escrituras centrado na morte e ressurreição de Cristo para o perdão dos pecados e utiliza uma variedade de formas para fazê-lo. Em última análise, a pregação luterana será caracterizada por “lei e evangelho” no sentido de que a força persuasiva do sermão é a palavra de Deus devidamente distinguida, não uma pregação rigidamente estruturada. Baseada em um texto das Escrituras e centrada na morte e ressurreição

de Cristo para o perdão dos pecados, a pregação luterana será uma pregação de “lei e evangelho” feita a partir de uma variedade de textos, por meio de uma variedade de formas, para uma variedade de ouvintes. Enquanto a velha e sempre nova história continuar a ser contada na pregação luterana contemporânea, a arte de contá-la permanecerá reverentemente estudada e sempre renovada.